

Uma pequena pausa

Fabio Giambiagi



Tenho a satisfação de escrever neste espaço desde o começo do **Valor**. Foram muitas colunas, tratando dos temas de sempre: a macroeconomia, as finanças públicas, o sistema previdenciário, etc. Logo retomarei o hábito, mas hoje, excepcionalmente, vou pedir licença ao leitor para dar à coluna feições diferentes, como uma espécie de pequeno “recreio” compartilhado entre o colunista e os seus parques leitores.

A razão é o livro “Antologia da maldade — Um dicionário de citações, associações ilícitas e ligações perigosas”, coletânea de frases de personalidades famosas e outras nem tanto, publicado recentemente pela Editora Zahar junto com Gustavo Franco — certamente o livro mais divertido entre aqueles que publiquei.

Coletâneas com frases célebres

há muitas, evidentemente. A razão para, a despeito dessa realidade, termos nos lançado nessa aventura intelectual é dupla. Primeiro, porque esse é um mercado onde sempre cabe mais um. É como um bom restaurante: pode haver muitos bons locais numa cidade, mas mesmo assim se encontrará espaço para mais um lugar onde as pessoas possam comer bem.

A segunda razão é o pequeno “plus” que procuramos adicionar à obra. Inspirados no exemplo de alguns livros mais antigos organizados no exterior com esse tipo de abordagem, procuramos, sempre que possível, associar as frases a um verbete que pudesse carregar alguma dose de ironia, uma espécie de “graça” para divertimento do leitor. Assim, por exemplo, à resposta ofensiva de Winston Churchill — um frequentador assíduo das páginas do livro — a uma senhora que, ao encontrá-lo exclamou: “O Sr. está bêbado!”, recebendo em troca o comentário de que “Madame, a senhora é horrorosa. E eu amanhã já estarei sóbrio”, associamos o verbete “Day after”.

Na mesma linha da ironia, a observação feita nos últimos dias do governo Nixon por Henry Kissinger a um outro colega com quem acumulava um longo histórico de disputas, de que “Qual-

quer confronto entre nós, neste momento, seria como disputar a capitania do Titanic”, foi enquadrada no verbete “Naufrágio”.

Groucho Marx e a apresentação de suas credenciais: “Eis aqui os meus princípios. Se não gostarem, tenho outros”

Não há como não haver público que não se delicie com esse tipo de frases, mesmo que muitas expressões de humor como as que estão presentes na coletânea tenham formado parte de outras, até porque em muitos casos a aderência a aspectos de nossa realidade realmente impressiona. É só pensar, por exemplo, em Groucho Marx e a apresentação de suas credenciais (“Eis aqui os meus princípios. Se não gostarem, porém, tenho outros”) que tão bem se encaixa no jogo partidário brasileiro; ou na lição de Bill Clinton (“Os políticos usam a poesia para falar ao povo, mas usam a prosa para governar”) certamente conhecida do expert em efeitos especiais e especialista em marketing político, João Santana, na elaboração das campanhas eleitorais de algumas candidaturas.

Há também frases ditas por ce-

lebridades, mas que por serem recentes ainda não povoaram muitas coletâneas, como o comentário do na época ilustre frequentador de uma clínica de reabilitação em Cuba, de que, nas palavras do próprio, “Na clínica tem um cara que diz que é Napoleão e outro que pensa que é San Martín. Quando digo que sou o Maradona, eles não acreditam”.

Além de fazer um mix com frases colhidas por Gustavo e por mim aqui e ali durante anos — resultado de um longo trabalho de coleta de ambos autores ao longo das suas vidas — o livro traz a contribuição inestimável de vários grandes frasistas nacionais, como Millôr Fernandes (“Quando uma ideologia fica bem velhinha, vem morar no Brasil”, devidamente classificada no verbete “Asilo”, além da espantosamente atual sentença de que “os corruptos são encontrados em várias partes do mundo, quase todas no Brasil”) ou Nelson Rodrigues e suas frases impagáveis sobre a magia do futebol (“A verdade está com a imaginação dos locutores de rádio e não com a burrice do videoteipe: a imaginação está sempre muito mais próxima da essência”).

Alguns mandatários locais também enriquecem as páginas do livro, com destaque para a frase da presidente Dilma Rousseff,

manifestada quando o Brasil era considerado favorito para conquistar a Copa de 2014 (“Meu governo é padrão Felipão”) e que depois dos 7 a 1 contra a Alemanha merece ser brindada com a qualificação de premonitória.

O objetivo deste artigo é servir ao leitor do jornal que não ler o livro com momentos agradáveis que possam funcionar como uma pequena distração em face das agruras de nossa realidade difícil; e, a quem se interessar pelo livro, como uma espécie de “aperitivo” para o que poderá encontrar nas páginas do mesmo. Aqueles que quiserem estender a diversão, ao mergulhar na leitura da antologia, poderão saber, por exemplo, quem fez a descrição de alguns políticos como “uma classe de cavalheiros honrados, dispostos a grandes sacrifícios por suas opiniões, caso as tivessem e prontos para morrer pela verdade, se soubessem o que ela é”. Esperamos que os leitores apreciem esta pequena pausa. Ano que vem volto a tratar da macroeconomia.

Fabio Giambiagi, economista, coorganizador do livro “Economia Brasileira Contemporânea: 1945/2010” (Editora Campus), escreve mensalmente às quartas-feiras. E-mail: fgiambia@terra.com.br.